



GOVERNO DE PORTUGAL



Contos de Tantos Contos

Construção de narrativas de promoção da interculturalidade



Esta obra é uma compilação que resulta da recolha de narrativas orais trabalhadas literária e visualmente no workshop de recolha de contos "Contos de Tantos Cantos" e no ateliê de ilustração "Traços Diversos", realizados entre Março e Junho de 2011. Estes trabalhos foram desenvolvidos, em parceria, pelos Centros Locais de Apoio à Integração de Imigrantes, CLAI's de Torres Vedras e Lourinhã, no âmbito da promoção da interculturalidade a nível local, financiado pelo Fundo Europeu para a Integração de Nacionais de Países Terceiros - FEINPT.

Intitulada “Contos de Tantos Cantos”, a presente obra concorre para inscrever, na memória colectiva, narrativas da literatura de tradição oral de países de África, Europa e da América do Sul, resgatadas da invisibilidade por diversos cidadãos que escolheram viver na Lourinhã e em Torres Vedras, tornando estes territórios mais ricos e cosmopolitas. Sedimentada a partir de contributos polifónicos, esta cartografia do simbólico cruza diferentes imaginários, geografias e paisagens, olhares e mundividências. A sua leitura revela múltiplas formas de abordar e interpretar o mundo que expressam especificidades culturais e identitárias e, ao mesmo, ilumina redundâncias, regularidades e afinidades que conduzem à identificação de universais culturais e de um referencial axiológico comum. A descoberta de um conjunto de comunalidades faz emergir um indizível sentimento de humanidade que atravessa o tempo e o espaço. Este objecto de autoria colectiva, para além de um inegável

valor documental, afectivo e estético, reveste-se de um valor educativo, enquanto veículo de aproximação entre cidadãos do mundo que se reconhecem e complementam nas diferenças e se encontram nas semelhanças.

Na contemporaneidade, num momento em que se perfila uma mudança de paradigma, a construção de novos horizontes colectivos alicerça-se na reinvenção da cidadania ancorada num património imaterial comum, que importa conhecer, e na diversidade cultural como propulsora de inéditas possibilidades. O trabalho dialógico e colaborativo que esta edição espelha e condensa foi conceptualmente enformado por essa intenção matricial. A todos os que generosamente lhe deram corpo deixamos expresso o nosso agradecimento.

Ana Umbelino
Vereadora do Desenvolvimento Social
da Câmara Municipal de Torres Vedras

Este texto não foi escrito ao abrigo do novo acordo ortográfico.

Com este trabalho conjunto e harmonioso, entre os territórios da Lourinhã e Torres Vedras, tornam-se invisíveis as fronteiras, privilegiando-se, acima de tudo, as identidades que, cada vez mais, se assumem como plurais e compósitas. Muito mais do que a simples aceitação do “outro”, a verdadeira sociedade intercultural propõe a transformação de ambos com esse encontro. O processo de construção de uma Identidade faz-se apoiado nas diferenças e nas semelhanças que se integram em complementaridade.

Com a presente obra, intitulada “Contos de Tantos Cantos”, fomenta-se a ideia que as histórias contam o mundo e a diversidade das identidades culturais, assumindo, muitas vezes, uma matriz comum que enforma uma ética universal.

Percorrendo esta narrativa escrita e visual, viajamos pelos vários cantos do Mundo encontrando-nos a nós mesmos, e, é com este entendimento, que queremos que o leitor acolha e disfrute esta obra.

A quem criou e dilatou um espaço de partilha de experiências humanas e

materiais na área da narrativa oral, escrita e gráfica, os nossos sinceros agradecimentos. Contribuíram, sem dúvida, de uma forma magnânima, para uma obra pedagógica, artística e, sobretudo, de grande valor ético.

José Tomé
Vereador da área
da Intervenção Social e Cultural
da Câmara Municipal da Lourinhã

Este texto foi escrito ao abrigo do novo acordo ortográfico.

A Panela Milagrosa - Chile

Era uma vez um reino muito longínquo, encravado entre rios e montanhas, onde nos rigorosos Invernos soprava um vento forte e um frio gelado. Perdido na imensidão da paisagem, rodeado de caminhos difíceis, até para os mais hábeis e intrépidos aventureiros, é nele que se desenrola toda esta história.

Contam que numa noite fria de Inverno uma forte tempestade desabou, com o vento soprando e o granizo caindo como nunca até então se havia sentido, e por isso um pobre forasteiro acabou por perder o rumo do caminho, devido à grande escuridão que de repente se abateu por todo o lado.

Sem vontade de continuar a desafiar a natureza prosseguindo viagem, o forasteiro procurou um abrigo para poder suportar toda a tempestade, e quando finalmente chegou ao cimo de um monte, não muito longe, viu uma luz que provinha de uma pequena cabana, iluminando, ainda que tenuamente, toda a floresta. Apressou-se então para aí chegar e pedir abrigo.

Quando chegou ao lugar e bateu à porta da cabana dela saiu um velho que lhe perguntou ao que vinha, explicando-lhe o forasteiro como se deixara surpreender pela tempestade e aproveitando para lhe pedir que o deixasse recolher debaixo do seu tecto.

O velho, que vivia com a sua mulher, muito temente a pessoas estranhas, ainda pensou, por um pouco, que não devia deixar entrar assim o forasteiro, mas depois o seu coração apiedou-se, e mesmo sabendo que iria desagradar a sua mulher, convidou o forasteiro a entrar.

Junto à chaminé da cozinha acomodou uma cama com as velhas mantas que encontrou.

A mulher, que se encontrava pondo a mesa, aproximou-se então do marido e, baixinho, disse-lhe que para comer apenas tinham uma pequena sopa de verdura que mal cobria o fundo da panela, ou melhor, que naquela noite em casa, com dificuldade o que havia chegava para os dois e, muito menos, se tivessem que compartilhar o caldo com um estranho. O pobre velho, aflito, veio junto do forasteiro explicando-lhe o sucedido e pedindo que lhes perdoasse o pouco que tinham.

O forasteiro pareceu não ficar surpreendido e, sem hesitações, disse ao velho que pusesse a mesa para os três e tudo ficaria resolvido.

O velho e a mulher assim fizeram, repartindo entre todos o pouco que tinham. Quando depois de conversarem um pouco a mulher voltou à cozinha reparou que a panela onde antes havia retirado toda a sopa voltara, por certo



um milagre, a encher-se de sopa e correu à sala a contar o sucedido.

Foi então que o forasteiro, calmamente, lhes disse:

- Grande foi a generosidade que tiveram comigo, abrindo-me as portas e dando-me a comer o pouco que tinham, portanto é justo que seja agora eu que faça algo por vocês. Assim, tenham por certo que a panela de onde tiraram a sopa nunca mais ficará vazia.

Na manhã seguinte dizem que o forasteiro continuou o seu caminho e nunca mais se ouviu falar dele. Contudo, enquanto o velho e a mulher viveram, nunca a panela ficou vazia por muito que dela tirassem. E assim continuou a acontecer por muitos e muitos anos. A panela milagrosa foi saciando os filhos, os netos e os bisnetos daqueles dois

pobres velhos, acabando assim à família por lhe ir crescendo a fortuna.

Mas com o passar dos anos, embora ficando mais e mais ricos, tornaram-se avaros e acabaram esquecendo a história da panela milagrosa.

Então, um dia, um velho mendigo ao aproximar-se da casa onde moravam, e que em nada já se assemelhava à velha cabana, pediu um pouco de pão.

Ao ver o seu ar pobre, a sua roupa andrajosa, o dono da casa, incomodado, disse-lhe que se afastasse pois não queria pedintes por ali. Quando pronunciou estas palavras, em tom áspero e irritado, a velha panela, tão generosa até então para com toda a família, quebrou-se em duas e nunca mais voltou a alimentar ninguém.

O Rei da Floresta - Portugal

Era uma vez um Príncipe que vivia numa floresta. Bom, não era propriamente uma floresta a perder de vista, de folhagem densa e escura, era mais um jardim com árvores vindas de todo o mundo e pássaros a chilrear. O certo é que todas as manhãs, mal acordava, o Príncipe saltava da sua cama, corria palácio fora, mal dava os bons dias a todos os que encontrava no caminho, só descansando quando chegava ao jardim, que atravessava também numa pressa para ir direitinho a um grande plátano, o seu plátano, que lhe abrigava todos os brinquedos: espadas, soldadinhos e instrumentos de música.

Também nesse plátano moravam os maiores amigos do pequeno Príncipe, os pássaros e os esquilos.

Mas se já era divertido brincar junto ao plátano com os seus amigos, mais alegre se tornava o dia quando o avô do Príncipe, o velho Rei, aparecia por ali e, juntos, tocavam e ouviam tocar música. O Rei, com o seu alaúde e a sua poesia, os pássaros com os seus cantos, as árvores com o ondular das suas ramagens, o menino com a sua voz, todos tinham lugar nessa grande sinfonia musical.

E se os Ministros do Reino ousavam interromper o real momento, logo o Rei dizia:

- Vindes interromper a Orquestra Real e Natural? Não credes que tal espectáculo merece silêncio?

Os Ministros curvavam-se e replicavam: - Mas Sua Majestade, temos urgência em saber as vossas decisões reais.

Contudo não havia nada a fazer.

O Rei continuava com o seu alaúde e a sua poesia, os pássaros retomavam o canto, as árvores o ondular das suas ramagens e o pequeno Príncipe a sua voz, e todos voltavam a ter lugar nessa grande sinfonia musical.

O Príncipe cresceu, como acontece a todos os meninos, e um dia, era já um rapaz, teve um sonho: O Avô destinava-lhe o lugar de Rei mas advertia-o, muito seriamente, que não bastava dar ao povo a sabedoria que tinha recebido, pois que isso não chegava. Quando não se tem comida de nada serve ter música e palavras.

A esta recomendação do Avô o Príncipe coçou a cabeça, pois não a entendia muito bem, afinal sempre lhe sobrara a comida, mas prometeu segui-la. Antes de acordar ainda ouviu de seu Avô:

"Os valores do coração devem ser partilhados pois aumentam assim, mas os valores da terra só podem ser aumentados pela boa acção e pelo trabalho coordenado. Tu, meu amado, escuta a melodia dos teus súbditos com a atenção que juntos cultivámos e



responde-lhes com precisão e apuro, pois assim terá eco das tuas acções. Viaja a cada canto do teu Reino com este mandamento, para escutares a cada um o seu próprio cantar, e a cada um poderes depois encantar com a tua intenção e o teu espírito firme. O teu povo será fiel e conhecerá prosperidade nunca antes vista, que durará mais de 100 anos."

Quando acordou, a cabeça do Príncipe estava cheia das palavras do seu Avô.

Pouco tempo depois, e por morte deste, acabou por ser aclamado Rei e casou com uma Princesa que, dizem as crónicas, era Santa num Reino longínquo.

Reinou em viagem pelo país como lhe dissera o Avô, obrigando cada nobre a fazer provar de onde eram os limites das suas terras. Nas fronteiras, o Rei procurava lugares aprazíveis para fundar novas vilas, oferecia terras aráveis e espaço para casa aos locais que ali desejassem viver e por todo o Reino o povo, fugindo aos nobres que os exploravam, acolheu-se nos lugares que o Rei abençoado lhes dava.

Também em cada aldeia, na companhia da sua Princesa, que era agora Rainha, ensinou o povo a celebrar a partilha e a humildade.

A sua fama e respeito acabaram assim por vencer fronteiras e outros Monarcas vinham pedir-lhe que arbitrasse disputas, pois era considerado um sábio e um homem de bem.

Poetas estrangeiros souberam do amor que o povo lhe tinha e escreveram a sua vida em canções.

Nunca naquele Reino tinha havido tamanha felicidade e riqueza.

Foi então que um espião, enviado por outro Rei, chegou à capital do Reino. Depois de muito espreitar, indagar, coscuvilhar, sem compreender, escreveu ao seu Rei o seguinte relatório: "Saiba Vossa Majestade que este Reino é perigoso para os cristãos: aqui judeus e árabes fazem convívio e ensinam a sua religião em liberdade, misturando-se em negócios e amizades com os que são verdadeiros cristãos."

Mais tarde, quando o souberam nesse outro Reino e ainda por outros lugares, movidos por inveja e ignorância, muitos foram aqueles que tentaram tirar-lhe a coroa.

Mas este Rei, que em pequenino aprendera, junto a um velho plátano, a usar a voz e a ouvir a música de um alaúde, da ramagem das árvores e dos pássaros, reinou até muito velho com a protecção do seu povo que tanto o estimava.

Os sábios de hoje não desconhecem que foi ele que permitiu ao seu Reino vir mais tarde a expandir-se pelo mundo, e que a riqueza e a harmonia daquele tempo nunca mais foi repetida até hoje.

Babayaga -Rússia

Quando nasceu, Babayaga era uma menina muito feia e que tinha um só dente, mesmo plantado no meio da sua boca muito grande. Por isso, na escola, todos os meninos e meninas se riam dela. Assim, para além de muito feia, Babayaga foi ficando também muito triste. Tão triste, mas mesmo tão triste, que nem Mamayaga nem Papayaga a podiam consolar e fazer rir.

Com um só dente, e muito triste e solitária, Babayaga acabou por querer vingar-se de todos os que faziam pouco dela e assim se foi tornando também muito má.

Nas suas vinganças, como se não lhe ocorresse mais nada, começou por comer o seu grande, mesmo muito grande, cão, e depois continuou a comer os meninos e as meninas de quem era colega na escola.

Assim cresceu, solitária e comilona, e todos lhe começaram a chamar bruxa. Os pais, Mamayaga e Papayaga, pediam-lhe muitas vezes que mudasse o seu feitio, mas Babayaga insistia em comer os meninos e meninas que por ali moravam, e aos pais, desesperados, não restou outra opção do que abandoná-la bem longe de casa, numa densa e escura floresta.

Babayaga continuou a comer cães e meninos, cada vez mais feia e cada vez

mais solitária, e assim o tempo foi passando.

Depois, bom, depois chegou a velha, e ainda mais feia, continuando com um só dente e a comer todos os meninos e meninas que as suas pernas fracas lhe permitiam apanhar.

Um dia, em que nada tinha para comer, Babayaga pediu à sua irmã, Cacayaga, que também não era lá muito boa, e a única com quem mantivera amizade, que lhe mandasse a menina sua enteada.

Cacayaga detestava a pequena órfã. Detestava-a porque ela era boa e bonita. E por isso lhe pareceu uma sorte poder ver-se livre dela entregando-a à sua irmã, a comilona Babayaga. Não a demoveram os medos da menina, nem o marido reclamando para que a deixasse por ali sossegada. Cacayaga, arranjou mil desculpas para que a menina fosse até casa de sua irmã.

E assim partiu a pobre pequena, sozinha e muito amedrontada.

No meio da floresta encontrou um sapo, que era tão engraçado, mas tão engraçado, que a menina não resistiu e beijou-o apesar de um pouco viscoso e mesmo muito feio, quase tão feio como as bruxas que vivem na floresta.

Ora naquele tempo de bruxas, e outras coisas assim, os sapos falavam e este, não sendo diferente, disse-lhe:

- Ora que menina tão simpática e valente para assim beijar um velho e feio sapo como eu. Por tudo isso te digo que Babayaga, a bruxa para onde vais, não é gente que preste e deves sempre estar atenta ao que ela te pedir.

A menina empalideceu, como era de esperar nesta história e noutras em que entram bruxas, mas o sapo decidiu confortá-la:

- Se fores esperta nada te acontecerá. E recomendo-te que leves 3 coisas: pão, um pouco de queijo e um laço.

A menina sorriu e, como era uma menina obediente, voltou atrás e meteu num saco o que o sapo feio e velho lhe recomendara: pão, um pouco de queijo e um laço.

E fez-se ao caminho por entre a floresta, que como aqui já se disse era densa e escura. Quando chegou a casa de Babayaga os joelhos tremeram-lhe e com hesitação bateu à porta: Toc-toc.

Logo apareceu Babayaga, que era ainda mais feia do que a menina suspeitara.

- Que trazes no saco, criatura? foi a primeira pergunta que lhe fez.

A menina, a quem não faltava esperteza, respondeu-lhe com a voz macia:

- Os meus brinquedos, pois então, se venho para ficar de certo quero brincar.

- Pois claro menina, como sou velha e tonta. Entra, entra, que te vou preparar um banho quente pois que deves vir cansada de tão longo caminho. E dizendo isto Babayaga sorriu, num sorriso enorme, amarelo e velhaco, e foi preparar o banho.

Da banheira saíam vapores e mais vapores, que passeando pela casa

deixavam tudo, mesmo tudo muito enevoado. A noite caía e a menina começava a sentir um cansaço profundo. Foi então que, por entre todas aquelas nuvens de fumo, no meio da água quente, percebeu que nadavam cenouras, nabos, ervilhas, enfim, percebeu que Babayaga preparava o caldo onde a iria cozer. Caldo de menina tenra com hortaliça.

- Tenho de fugir daqui, disse a menina para com os seus botões.

E se assim pensou melhor o fez, mas quando começou a correr apareceu-lhe um enorme gato, também ele com um sorriso amarelo e velhaco.

A menina parou e remexeu no saco. Dele tirou o pão que atirou ao gato.

- Uhm, disse o gato, satisfeito, e antes de se quedar a comer o pão atirou-lhe com uma toalha e um pente. Leva-os que te hão-de fazer falta na fuga, disse-lhe sorrindo, com o seu sorriso amarelo e velhaco.

A menina correu e correu, e foi então que lhe apareceu um enorme cão, também ele com um sorriso enorme, amarelo e velhaco.

A menina parou e remexeu no saco. Dele tirou um naco de queijo que atirou ao cão.

- Uhm, disse o cão, satisfeito, e antes de se quedar a comer o queijo atirou-lhe com um pote de gordura.

A menina correu e correu e apareceu-lhe um denso caniçal que balançando os ramos lhe impedia a passagem e parecia dizer-lhe:

- É inútil menina. Tu não passas!

A menina parou e remexeu no saco. Dele

tirou o laço com que apertou o caniçal. Um nó cego, bem apertado.

- Uhm, disse o caniçal, que nesta história também se decidiu falar, agora com os braços atados, não te posso impedir a passagem.

A menina correu e correu e apareceu-lhe um portão alto, de ferro, cuja fechadura não se movia.

A menina parou e remexeu no saco. Dele tirou o pote de gordura que passou pela fechadura.

- Uhm, disse o portão, que nesta história era outro dos que falava, agora que me abro não te posso impedir a passagem.

A menina correu e correu e foi então que sentiu no ar, mesmo atrás de si, a respiração quente de Babayaga.

Cheirava a bruxa. E a menina tremeu um pouco. Depois? Depois parou e remexeu no saco. Dele tirou a toalha que lançou pelo ar. A toalha era uma toalha que para além de voadora era mesmo muito mágica e quando chegou ao chão transformou-se em rio.

Babayaga parou. Um rio? A água sempre a assustara. Desde pequena que Babayaga não gostava de banhos. Por isso chamou dois enormes bois e disse-lhes com uma voz de trovão:

- Bebam a água que logo á noite vão ter razão a dobrar.

Os bois beberam e beberam toda a água do rio.

Babayaga recomeçou a correr, agora que já não havia rio. A menina, essa continuava a correr também. Babayaga tinha fome. Uma fome imensa. A fome, em Babayaga dava-lhe para correr. Muito. Foi então que a menina voltou a

sentir, no ar, mesmo atrás de si, a respiração quente de Babayaga. Cheirava a bruxa. E a menina tremeu um pouco. Depois? Depois parou e remexeu no saco. Dele tirou o pente que lançou pelo ar. O pente era um pente que para além de voador era mesmo muito mágico e quando chegou ao chão transformou-se em floresta. Uma tão densa floresta que Babayaga, que era gorda pois já comera muitos cães, gatos, meninos e meninas, não conseguiu passar e voltou para casa mesmo muito cansada e mais certa do que nunca de que estava a ficar muito velha e pouco tempo faltaria para deixar de conseguir apanhar meninos e meninas para trincar.



Os Três Porquinhos e o Lobo Mau e Mal Humorado - Brasil

Era uma vez Três Porquinhos muito alegres e brincalhões que viviam na floresta.

Todo o dia brincavam, saltavam, corriam, pulavam, o que deixava um lobo que por ali vivia invejoso de tanta felicidade. Diz-se mesmo que aquela alegria o deixava amarelo de inveja, mesmo sendo lobo e, supostamente, castanho, como o havia sido o seu Pai, a sua Mãe e, antes deles, os seus Avós.

Bom, mas retomando a história, por causa de toda aquela alegria e chifrineira o lobo, a quem chamavam Mau e Mal Humorado, decidiu comer os Três Porquinhos, livrando-se para sempre, mesmo para sempre, dos seus risos e brincadeiras.

Só que, como todos os lobos maus, gostava muito de apregoar a sua maldade, e por isso contou por toda a floresta o que decidira fazer.

Os Três Porquinhos muito alegres e brincalhões, quando ouviram o que o Lobo Mau e Mal Humorado decidira fazer pararam de brincar e meteram-se na construção de uma casa toda feita de tijolo.

Era uma casa muito sólida e não havia lobo mau, mal humorado ou não, que passasse pelas suas portas, janelas, muros...

Por isso este Lobo Mau e Mal Humorado, percebeu logo que não valia a pena

tentar empurrar as portas nem as janelas daquela casa, que os Três Porquinhos alegres e brincalhões haviam construído.

Foi assim que disfarçou a voz e bateu na porta:

- Toc-toc.

- Quem é? Disseram os Três Porquinhos muito alegres e brincalhões.

Ao Lobo Mau e Mal Humorado não lhe ocorreu nenhuma mentira, porque era só um Lobo Mau e Mal Humorado, não era nenhum lobo mentiroso, e por isso, como ninguém respondeu, os Três Porquinhos não abriram a porta.

Então o Lobo Mau e Mal Humorado, mas que não era mentiroso, desesperado, foi para a frente da casa e desatou a soprar.

E soprou, e soprou, e soprou...

O certo é que a casa não se mexeu nem um bocadinho.

O Lobo Mau e Mal Humorado, ainda mais mal humorado, decidiu voltar a soprar. E soprou, soprou, soprou e depois rebentou.

E os Três Porquinhos, ainda muito mais alegres e brincalhões, passaram a viver na floresta sem sombra de receios. Para sempre. Bem, bem.



A Lua -Ucrânia

Há muito, muito tempo, num Reino muito distante, vivia um homem muito mau. Onde ele se encontrava havia briga, onde ele se encontrava espalhava-se a tristeza.

Numa noite muito muito escura, depois de chegar a casa com o peso da maldade na alma, este homem, muito muito mau, matou a sua pobre mulher. Como ninguém o havia visto pensou que nunca haveria de ser punido.

E assim continuou a ser um homem muito mau e a espalhar a tristeza e a fomentar a briga.

O tempo passou.

A Lua Nova cresceu, engordou, engordou, e uma noite, no céu, apareceu gorda e reluzente.

O homem muito muito mau foi à janela do seu quarto e a Lua olhou-o, em cheio, na cara.

E toda a noite ficou ali, olhando o homem muito, mesmo muito mau, que à sua volta só sabia espalhar tristeza e fomentar a briga.

O homem esperou, em casa.

Na outra noite a Lua lá estava, olhando-o, em cheio, na cara.

O homem espreitou-a uma e outra vez, da janela do seu quarto. A Lua parecia-lhe ainda mais crescida e reluzente.

Então o homem muito muito mau percebeu que não haveria maneira de escapar-lhe.

Ela, a Lua, tinha visto tudo, escondida atrás das nuvens, e agora aparecia-lhe, olhando-o, em cheio, na cara.

E confuso e amedrontado, o homem dirigiu-se ao Rei para lhe confessar o seu crime.



A Casa Assombrada - Portugal

Há muitos, muitos anos atrás, quando os meus Avós se casaram, decidiram comprar uns terrenos distantes da aldeia onde moravam, terrenos baratos que ninguém queria, e no meio de todas as fazendas de milho e de trigo, de pinhais densos e pomares vigorosos construíram a sua casa. Era uma casa grande, branca e vermelha. Enfim, uma bela casa.

Não muito longe, plantada no meio de um bosque, existia uma outra casa. Era uma casa diferente; velha, de telhado alto e bicudo, com um enorme fumeiro que se erguia como um mastro e um ar abandonado de casa que ninguém queria.

Não havia gente na aldeia que se lembrasse a quem pertencera, há muitos anos que não se lhe conheciam donos e, dizia-se, em noites de luar, que dela se avistava fumo saindo. Havia mesmo quem garantisse que ali se passavam coisas estranhas, de meter medo, enfim, tinha fama de casa assombrada.

Do que então se dizia os meus Avós pouco ou nada se tinham importado. Afinal amavam-se, estavam recém-casados, e que podem essas coisas contra tal alegria?

Um dia o meu Avô, quando chegou ao pomar que com tanto esmero havia

cuidado, explodiu em fúria: Eram muitos os rebentos roídos e partidos das árvores recentemente plantadas.

- Esta noite vou dormir ao pomar para descobrir quem é o pastor que por lá anda, disse à minha Avó, ensimesmado. E se o disse assim o fez. Quando tombou a noite, de espingarda na mão para assustar quem viesse, ou para lhe guardar o medo, o meu Avô plantou-se no pomar.

O cansaço do dia e o silêncio da noite uniram-se para que adormecesse. No entanto, o ronco de muitos porquinhos fê-lo acordar de um salto. Abriu os olhos desconfiando do que via: treze porquinhos gordos e rosados brincando por entre as árvores.

O meu Avô esfregou bem os olhos, beliscou-se para ter a certeza de que não era um sonho, e depois preparou-se para os apanhar, correndo por aqui e por ali. Mas a sorte estava do lado dos porquinhos, sorte, habilidade, ou outra coisa, isso o meu Avô ao certo não sabia nem nunca soube. A verdade é que por mais que corresse e os tentasse enganar, não havia nem um que às suas mãos caísse, e o meu Avô, estava a ficar farto daquela correria e do sorriso que lhe parecia ver assomar ao focinho dos bichos. Cansado atirou para o ar.

E foi então que, como se de um milagre se tratasse, ou então uma qualquer



história de fadas e bruxas, os porquinhos, por encanto, desapareceram.

Amedrontado o meu Avô largou a arma, a capa, a manta, e foi numa corrida para casa. A minha Avó esperava-o. Também ela não conseguia dormir, sabendo-o longe, entre o pomar, no meio de coisas estranhas ou fantasias.

E o meu Avô, nos seus braços, chorou a

bom chorar.

No outro dia voltaram juntos ao lugar. A capa estava lá, a arma, a manta, mas mais estranho ainda, bem marcadas no chão, os meus Avós viram as pegadas de todos os porquinhos.

(Esta é uma história antiga, contada de geração em geração e que fez parte dos serões de família - baseada em caso verídico.)

O Gato e a Raposa - Portugal

Há muitos muitos anos, no tempo em que os animais falavam, havia um gato rico que tinha um rebanho de ovelhas que lhe dava o leite para o seu sustento.

Junto à sua casa havia uma árvore enorme, com uma copa gigante que quase tocava o chão, e era ali, debaixo da árvore, à sombra, que o gato guardava o seu leite fresquinho.

Um dia, ao acordar, o gato foi beber o leite e deu com a vasilha vazia. Furioso, cheio de fome, decidiu vingar-se de quem lhe pregara semelhante partida ou fizera tão malvado roubo.

No dia seguinte ordenhou as suas ovelhas e voltou a guardar o leite na vasilha, escondendo-se bem apertadinho, atrás desta, enquanto cismava no que faria ao ladrão quando o apanhasse.

Daí a pouco ouviu passinhos de lã e depois o barulho do intruso a beber o seu leite. Preparou as garras, aguçou os dentes e quando vai para lhe saltar em cima reparou que o ladrão tinha um enorme rabo, bem farfalhudo.

Pôs-se de aviso:

- Espera que isto não é gato nenhum. É bem maior. É rabo de raposa, e a uma raposa nunca vou conseguir vencer. Quando muito posso tirar-lhe o rabo. E se assim pensou, melhor o fez. Zás, lançou-se sobre o rabo da raposa e

arrancou-lho.

A raposa sentiu uma dor muito forte, em nada comparada com a que sentiu quando, ao olhar para trás, viu que tinha perdido o ornamento da sua vaidade. O que lhe iam agora dizer as comadres? E o seu marido, quando a visse chegar à toca sem o rabo?

Entretanto o gato, empoleirado lá em cima, na árvore enorme, com uma copa gigante que quase tocava o chão, num riso trocista, exibiu o rabo.

- Ó gato dá-me o rabo, gritou-lhe a raposa.

Riu-se o gato e respondeu-lhe:

- Primeiro dá-me o meu leite.

Entristeceu-se a raposa, pois o leite já o tinha bebido, e partiu campo fora, muito cabisbaixa.

Então encontrou uma vaca e logo lhe disse:

- Ó vaca, dá-me o leite p'ró leite ser p'ró gato, p'ró gato me dar o rabo.

Riu-se a vaca e respondeu-lhe:

- Primeiro dá-me a erva.

Entristeceu-se a raposa, pois erva não tinha e partiu campo fora, muito cabisbaixa.

Então encontrou uma velhinha e logo lhe disse:

- Ó velhinha dá-me erva, p'rá erva eu dar à vaca, p'rá vaca me dar o leite, p'ró leite ser p'ró gato, p'ró gato me dar o rabo.

Riu-se a velhinha e respondeu-lhe:



- Primeiro dá-me uns sapatos.

Entristeceu-se a raposa, pois sapatos não tinha, e partiu campo fora, muito cabisbaixa.

Então encontrou um sapateiro e logo lhe disse:

- Ó sapateiro dá-me sapatos, p'ros sapatos serem p'rá velhinha, p'rá velhinha me dar erva, p'rá erva eu dar à vaca, p'rá vaca me dar o leite, p'ró leite ser p'ró gato, p'ró gato me dar o rabo.

Riu-se o sapateiro e respondeu-lhe:

- Primeiro dá-me cerdas.

Entristeceu-se a raposa, pois cerdas não tinha, e partiu campo fora, muito cabisbaixa.

Então encontrou um porco e logo lhe disse:

- Ó porco dá-me cerdas, p'rás cerdas eu dar ao sapateiro, p'ró sapateiro me dar sapatos, p'ros sapatos serem p'rá velhinha, p'rá velhinha me dar erva, p'rá erva eu dar à vaca, p'rá vaca me dar o leite, p'ró leite ser p'ró gato, p'ró gato me dar o rabo.

Riu-se o porco e respondeu-lhe:

- Primeiro dá-me farinha.

Entristeceu-se a raposa, pois farinha não tinha, e partiu campo fora, muito cabisbaixa.

Então encontrou um moleiro e logo lhe disse:

- Ó moleiro dá-me farinha, p'rá farinha eu dar ao porco, p'ró porco me dar cerdas, p'rás cerdas serem p'ró sapateiro, p'ró sapateiro me dar sapatos, p'rós sapatos serem p'rá velhinha, p'rá velhinha me dar erva, p'rá erva eu dar à vaca, p'rá vaca me dar o leite, p'ró leite ser p'ró gato, p'ró gato me dar o rabo.

Riu-se o moleiro e respondeu-lhe:

- Primeiro dá-me picões.

Entristeceu-se a raposa, pois picões não tinha, e partiu campo fora, muito cabisbaixa.

Então encontrou um ferreiro e logo lhe disse:

- Ó ferreiro dá-me picões, p'rós picões eu dar ao moleiro, p'ró moleiro me dar farinha, p'rá farinha eu dar ao porco, p'ró porco me dar cerdas, p'rás cerdas serem p'ró sapateiro, p'ró sapateiro me dar sapatos, p'rós sapatos serem p'rá velhinha, p'rá velhinha me dar erva, p'rá erva eu dar à vaca, p'rá vaca me dar o leite, p'ró leite ser p'ró gato, p'ró gato me dar o rabo.

Riu-se o moleiro e respondeu-lhe:

- Primeiro dá-me carvão.

Entristeceu-se a raposa, pois carvão não tinha e partiu campo fora, muito cabisbaixa.

Então encontrou um carvoeiro e logo lhe disse:

- Ó carvoeiro dá-me carvão, p'ró carvão eu dar ao ferreiro, p'ró ferreiro me dar picões, p'rós picões eu dar ao moleiro, p'ró moleiro me dar farinha, p'rá farinha eu dar ao porco, p'ró porco me dar cerdas, p'rás cerdas serem p'ró sapateiro, p'ró sapateiro me dar

sapatos, p'rós sapatos serem p'rá velhinha, p'rá velhinha me dar erva, p'rá erva eu dar à vaca, p'rá vaca me dar o leite, p'ró leite ser p'ró gato, p'ró gato me dar o rabo.

Riu-se o moleiro e respondeu-lhe:

- Primeiro dá-me uma galinha corada.

Entristeceu-se a raposa, pois galinha corada não tinha, e partiu campo fora, muito cabisbaixa.

Então encontrou uma velhinha a corar uma galinha num forno de lenha.

Mas não abriu a boca porque a velhinha, pegando na forquilha, correu e correu atrás dela.

Ah, como era bom o cheiro da galinha corada, mas também como era ameaçadora a forquilha espetada e a velha correndo com ela.

E assim a raposa correu e correu e correu à frente da velhinha.

E hoje, se virem por aí uma raposa sem rabo, correndo velozmente, é a raposa desta história, que vai chegar ao fim com pozinhos de perlímpim.

O Velho e a Tigela Partida - Portugal



Era uma vez um velho cansado de uma longa vida de trabalho duro, que quase não via e a quem as mãos tremiam.

Todas as noites, quando se sentava à mesa, com a pouca vista que tinha e as mãos trémulas, deixava cair um pouco de sopa sobre a toalha, enquanto o filho ia resmungando:

- Assim não pode ser, ai isto assim não pode ser!

Uma noite, mais triste ainda do que todas as outras, o velho deixou cair a tigela da sopa que se desfez em cacos.

- A partir de hoje, disse-lhe o filho, vai comer para o canto da cozinha.

O velho levantou-se silencioso, e caminhou para o seu canto, na cozinha.

Então um neto, pequenito, levantou-se também da mesa e começou a colar os cacos em que se desfizera a tigela.

- Que fazes tu rapaz? Perguntou-lhe o pai, zangado.

- Estou a tentar consertar a tigela, para ser usada quando tu fores velhinho.

O pai sentiu um aperto no coração.

O certo é que a partir desse dia nunca mais se ouviram resmungos à mesa e o velhinho nunca mais comeu a um canto da cozinha.

Meninos de todas as cores - Portugal

Era uma vez um menino branco a que na escola chamavam "número quatro".

Este menino branco, como todos os meninos brancos, dizia:

- É bom ser branco porque branco é o açúcar, tão doce, porque branco é o leite, tão saboroso, porque branca é a neve, tão linda!

Certo dia "Número Quatro" foi fazer uma grande, grande viagem. E andou de barco, de comboio, de avião, de carro, até que chegou a uma terra distante onde todos os meninos eram amarelos.

Na escola que passou a frequentar a menina amarela que se sentou ao seu lado chamava-se "Flor de Lótus", e como todas as meninas e os meninos amarelos, dizia:

- É bom ser amarela porque amarelo é o girassol, tão lindo, porque amarela é a areia da praia, tão macia, porque amarelo é o pêssego, tão saboroso.

"Número Quatro" gostava de "Flor de Lótus" e por isso não duvidava das suas palavras embora também soubesse que é bom ser branco como o açúcar, tão doce, como o leite, tão saboroso e como a neve, tão linda.

Certo dia número "Número Quatro" foi fazer outra grande, grande viagem. E andou de barco, de comboio, de avião, de carro, até que chegou a uma terra distante onde todos os meninos eram

pretos.

Na escola que passou a frequentar o menino preto que se sentou a seu lado chamava-se "Lumumba", e como todos os meninos e as meninas pretas dizia:

- É bom ser preto porque preta é a noite, tão misteriosa, porque pretas são as azeitonas, tão saborosas, porque pretas são as estradas que nos levam a toda a parte.

"Número Quatro" gostava de "Lumumba" e por isso não duvidava das suas palavras embora também já soubesse que é bom ser amarelo como o girassol, tão lindo, como a areia da praia, tão macia, como o pêssego, tão saboroso, tal como também é bom ser branco como o açúcar, tão doce, como o leite, tão saboroso e como a neve, tão linda.

Certo dia número "Número Quatro" foi fazer outra grande, grande viagem. E andou de barco, de comboio, de avião, de carro, até que chegou a uma terra distante onde todos os meninos eram vermelhos.

Na escola, que passou a frequentar, o menino vermelho que se sentou a seu lado chamava-se "Pena d' Águia", e como todos os meninos e as meninas vermelhas dizia:

- É bom ser vermelho porque vermelho é o coração, tão vivo, porque vermelhas são as cerejas, tão saborosas, porque



vermelho é o fogo, tão forte.

"Número Quatro" gostava de "Pena d'Águia" e por isso não duvidava das suas palavras embora também já soubesse que é bom ser preto como a noite, tão misteriosa, como as azeitonas, tão saborosas, como as estradas que nos levam a toda a parte, tal como é bom ser amarelo como o girassol, tão lindo, como a areia da praia, tão macia, como o

pêssego, tão saboroso, e também como é bom ser branco como o açúcar, tão doce, como o leite, tão saboroso e como a neve, tão linda.

Certo dia número "Número Quatro" voltou a fazer outra grande, grande viagem. E andou de barco, de comboio, de avião, de carro, até que chegou a uma terra distante onde todos os meninos eram castanhos.

Na escola, que passou a frequentar, o menino castanho que se sentou a seu lado chamava-se "Ali Bábá", e como todos os meninos e as meninas castanhas dizia:

- É bom ser castanho como a terra, tão generosa, é bom ser castanho como o chocolate, tão doce, é bom ser castanho como o camelo, tão forte.

"Número Quatro" gostava de "Ali Bábá" e por isso não duvidava das suas palavras embora também já soubesse que é bom ser vermelho como o coração, tão vivo, como as cerejas, tão saborosas, como o fogo, tão forte, tal como é bom ser preto como a noite, tão misteriosa, como as azeitonas, tão saborosas, como as estradas que nos levam a toda a parte, assim como é bom ser amarelo como o girassol, tão lindo, como a areia da praia, tão macia, como o pêssigo, tão saboroso, e também como é bom ser branco como o açúcar, tão doce, como o leite, tão saboroso e como a neve, tão linda.

E assim, um dia "Número Quatro" voltou à sua terra e à sua escola.

Quando chegou viu todos os meninos e meninas brancas a pintarem nas folhas brancas meninos e meninas brancas que moravam em casas brancas.

Mas "Número Quatro", que tinha viajado tanto, tanto, e sabia agora tanta coisa, que sabia agora que é bom ser castanho como a terra, tão generosa, como o chocolate, tão doce, como o camelo, tão forte, e que é bom ser vermelho como o coração, tão vivo, como as cerejas, tão saborosas, como o fogo, tão forte, tal como é bom ser preto como a noite, tão

misteriosa, como as azeitonas, tão saborosas, como as estradas que nos levam a toda a parte, assim como é bom ser amarelo como o girassol, tão lindo, como a areia da praia, tão macia, como o pêssigo, tão saboroso, e também como é bom ser branco como o açúcar, tão doce, como o leite, tão saboroso, esse, desenhava meninos sorridentes de todas as cores.

Lenga-lengas, Rimas, Canções de Embalar



Ó papão vai-te embora de cima deste telhado, deixa dormir a menina um soninho descansado.

Um-dó-li-tá cara de amendoá, um soneto coloreto, um-dó-li-tá quem está livre livre está.

A minha gatinha parda em Janeiro me fugiu. Quem achou minha gatinha? Você sabe? Você viu?

Era uma vez a mãe, o pai, uma história-historeca, em ti nasceu uma rabeca, pregadinha com pés. Queres que te conte outra vez?

Rei, capitão, soldado, ladrão, menina bonita do meu coração.

Anjo meu, faz um óó, que eu velo por ti, pois aos anjos é a lua que sorri.

Eu cá passei uma porta e um cachorro me mordeu. Não foi nada minha gente quem sentiu a dor fui eu.

Ana Rita Pirulita, bacalhau sardinha frita, as meninas a correr, os cavalos a aprender, qual será a mais bonita que se vai esconder?



A Panela Milagrosa
- Chile



O Rei da Floresta
- Portugal



Eabayaga
- Rússia



Os Três Porquinhos e o Lobo Mal Humorado
- Brasil



A Lua
-Ucrânia



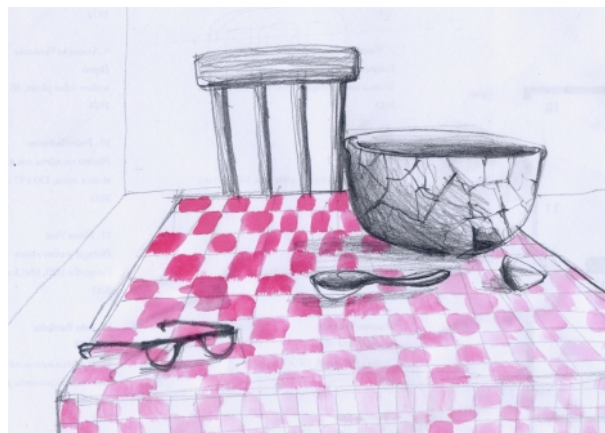
A Casa Assombrada
-Portugal



O Gato e a Raposa
- Portugal



O Gato e a Raposa
-Portugal



O Velho e a Tigela Partida
- Portugal



Meninos de todas as cores
- Portugal

Contos de Tantos Contos

Coordenação do projecto

Elsa Neto
Mafalda Miguel Teixeira

Formadores

Contos de Tantos Cantos
(Março 2011)

- Ana Meireles

Atelier de Ilustração Traços Diversos
(Maio/Junho 2011)

- Catarina Sobreiro

Edição

Município de Torres Vedras
Município da Lourinhã
Junho de 2013

Financiamento

Fundo Europeu para a Integração
de Nacionais de Países Terceiros

Projecto gráfico

Diana Duarte

Impressão

Grafivedras, Artes Gráficas

Tiragem

3000 exemplares

Depósito legal

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

ISBN

978-989-8398-20-8

Papel

miolo - IOR 160gr
capa - IOR 240gr

